

ARTICULANDO GÊNERO E RAÇA NA EDUCAÇÃO TÉCNICA DE NÍVEL MÉDIO: O CASO DAS ESTUDANTES DOS CURSOS TÉCNICOS DE CONSTRUÇÃO NAVAL E AUTOMAÇÃO INDUSTRIAL

Bruna Mikaele Santos Lima e Angelytha Maria De Oliveira Barbosa

RESUMO: O indivíduo poderá protagonizar suas próprias crenças e levantar discussões acerca do patriarcalismo e do racismo, por exemplo, instaurados e que delimitam a inserção e a permanência de mulheres no mercado de trabalho, nas ruas e nos espaços de produção acadêmico-científicos. A referida pesquisa foi desenvolvida com intuito de identificar as relações de gênero e as questões étnico-raciais compreendidas na trajetória acadêmica das jovens concludentes dos cursos Técnicos de Automação Industrial e Construção Naval do IFPE (Instituto Federal de Pernambuco) - campus Ipojuca. Optou-se por desenvolver uma pesquisa de cunho qualitativo, com enfoque científico-extensionista dentro da perspectiva de pesquisa-ação. Dentro do caminho analisado, considerou-se o cotidiano de cada jovem da comunidade acadêmica, da qual faziam parte, e as dificuldades que elas enfrentaram até o cumprimento da matriz curricular. No intuito de compreendermos em profundidade a relação da trajetória acadêmica das alunas concludentes desses cursos com conhecimentos teóricos, foi realizado o levantamento bibliográfico de estudos sobre a categoria gênero; levantamento do quantitativo de mulheres concludentes dos cursos de Automação Industrial e Construção Naval, via Q-acadêmico, e entrevistas semi-estruturadas com as jovens com a análise dos discursos colhidos. A presente pesquisa carrega sua importância na valorização da atuação do Núcleo de Estudos em Gênero e Diversidade no IFPE no sentido deste vir promovendo tais articulações, ao passo que desenvolve ações de apoio contínuo e direcionadas aos jovens estudantes do curso técnico em Construção Naval e Automação Industrial. Fortalece-se a discussão com a comunidade acadêmica ao possibilitar reflexões sobre as relações de gênero, diante de uma realidade local e interseccional em que a população é genuinamente de baixa renda, feminina e negra.

Palavras-chave: Automação Industrial; Construção Naval; Ensino Médio Técnico; Relações de Gênero.

INTRODUÇÃO

De acordo com uma entrevista no site CEERT (Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades) podemos obter dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), onde mostram que entre as pessoas de 25 a 44 anos de idade, o percentual de homens que completaram a graduação é de 15,6%, enquanto o de mulheres atingiu o percentual de 21,5% o que nos traduz uma porcentagem de 37,9% superior ao quantitativo dos homens. No entanto, o percentual de mulheres brancas com ensino superior completo (23,5%) é 2,3 vezes maior do que o de mulheres pretas ou pardas (10,4%) e é mais do que o triplo daquele encontrado para os homens pretos ou pardos (7%). Podemos concluir que apesar de mulheres avançarem mais nos estudos, continuam a ganhar menos que homens, ainda conciliando muitas vezes afazeres domésticos e cuidados com outras pessoas (filhos, pais, avós...).

Os estudos sobre a categoria de gênero possibilitam que as instituições se questionem sobre seus posicionamentos diante das diversas identidades, diferenças sexuais e das relações de gênero entre os sujeitos que nelas se encontram inseridos. Tendo em vista a composição étnico cultural de ampla diversificação, a persistência de pensamentos discriminatórios e segregacionistas não se fazem necessários, uma vez que comprovada ser a desenvoltura do indivíduo não proveniente do biológico, tão pouco do tom da sua pele, mas sim, das condições sociais que lhe envolve. Atualmente, têm sido reconhecidos os benefícios de se desenvolver discussões sobre este viés dentro de instituições de ensino, e de modo a construir espaços de reflexão sobre os problemas sociais ali existentes e sobre o acolhimento a partir da disseminação de discursos que defendem o respeito à diversidade.

“Houve trabalhos descritos a respeito da inserção de mulheres engenheiras, enfermeiras e professoras no mercado de trabalho, chamando a atenção para a desigualdade de oportunidades entre homens e mulheres. Muitas análises revelaram as assimetrias de gênero no que se refere à qualificação, a remuneração e as oportunidades profissionais (MINELLA, 2013, p. 102).”

Quando as escravas alforriadas começaram a viver nos grandes centros urbanos, passaram a expressar uma sexualidade mais pública, por viverem nas ruas e sobreviverem do comércio ou da prostituição. A este fato gerou-se forte discriminação e violências expressas pelas ciências sociais. No século XX, segundo Almada (2010), formou-se o conceito da “mulher mulata”(derivado de mula) que não só ficou conhecido no Brasil, como também no

exterior atraindo turistas. Comportamentos não aceitos socialmente em um discurso moral e religioso, eram vistos como pecado.

Com a medicina e a psiquiatria, muitos desses comportamentos começaram a ser vistos como doenças mentais, como por exemplo, a mulher "histérica" e o homossexualismo. A reprodução da desigualdade nas relações permanece em diversos sentidos até hoje. De acordo com Freitas (2001), o mercado de trabalho só passou a repudiar e a buscar melhorias nas condições de trabalho a partir do momento em que lhe era propício abordar o assunto.

A primeira manifestação de gênero data de 1850 e envolveu a reação feminina ao domínio masculino com as sufragistas, através de campanhas pelos direitos civis e em particular o direito ao voto. Desde que se iniciou a campanha pela voz feminista, a sociedade presenciou inúmeras conquistas, como por exemplo, Celina Guimarães - primeira mulher brasileira a votar; Bertha Lutz - fundadora da Federação Brasileira do Progresso Feminino. Em tempos de conquistas, a sociedade também viveu eras de retrocesso como quando houve a criação do projeto do Estatuto da Família, nos anos vinte, que pretendia proibir que mulheres trabalhassem, pois a maior função que elas poderiam exercer era cuidar da casa.

Neste mesmo tempo houve a reação da criação do primeiro Plano de Educação Brasileira em que se diferenciava a educação destinada a homens e mulheres. Com isso, novamente, a educação da mulher estaria voltada ao âmbito familiar. O desejo de que a mulher estivesse sempre ligada aos termos "bela, recatada e do lar" baseava-se em concepções científicas de sua fisiologia. Múltiplas ideias sobre hormônios, doenças mentais e associações a incapacidade feminina de controlar suas emoções.

O acesso à educação, informação e ao mercado de trabalho proporcionou às mulheres a oportunidade de se conscientizar do seu papel social. O feminino transpassa a ideia da autolimitação. O não pensar em si mesmo para pensar no outro, seja no usar de sapato de salto alto ou o uso de espartilho. Com a segunda onda do feminismo, em 1960, a mulher passa a querer se conhecer melhor e perceber como ela e o seu corpo deveriam ocupar espaço na sociedade junto a sua autonomia.

Conforme nos mostra Soto e Zappa (2011), quando em 1968 houve a queima de sutiãs nos Estados Unidos, em uma fogueira, não eram apenas sutiãs queimando, mas queimavam tudo aquilo que era por elas considerado símbolo de uma feminilidade opressora. Tudo aquilo que era uma ordem de resistência micropolítica e que estava intrinsecamente reduzida ao sujeito. Dessa forma, o outro sempre acha que qualquer coisa que parta da subjetividade para

construir uma realidade é individualista. Sendo individualista, torna-se burguesia e sendo burguesia, é desprezível e por isso a sociedade rechaça a resistência desse “plano” e acaba por reforçar, legitimar e enaltecer justamente o que é próprio da subjetividade burguesa, que é essa redução do sujeito.

As relações sociais, que são adversas entre si e entre grupos, giram em torno de uma disputa material e produtiva que gera conflitos. Ainda que tenha aumentado a participação da mulher nas tomadas de poder e ao acesso no mercado de trabalho, ainda existe uma persistência na divisão sexual do trabalho fazendo com que o conceito de igualdade seja substancial. Existe uma desigualdade salarial, além da grande maioria das mulheres ocuparem cargos de empregadas domésticas, secretariado e afins. Isso contribui para o pensamento de que o capitalismo anseia por trabalho flexível, que dedique-se com maior ênfase a sua subjetividade, ou seja, a mulher como trabalhadora doméstica “libera” os homens de tal função e, para as mulheres que detém de maior poderio financeiro, fica a possibilidade de continuar a externalizar as tarefas do lar para outras mulheres.

A partir desses questionamentos, algumas problemáticas observadas eram ao modo como os estudantes dos cursos de Automação Industrial e Construção Naval do IFPE- Campus Ipojuca se percebiam em salas de aulas compostas, em sua maioria, por estudantes do sexo masculino e isso promoveu alguns questionamentos sobre práticas docentes, de Técnicos-administrativos e estudantes nessa instituição de Ensino Médio Técnico. Outros questionamentos foram surgindo no decorrer da pesquisa e nos perguntávamos: De que maneira se deu às relações das estudantes com seus professores e os demais colegas no decorrer do curso? A procura por estágio, obrigatório para a conclusão do curso, tem sido uma barreira para a conclusão do curso técnico? Houve dificuldades delas se inserirem em determinados espaços dentro da instituição de ensino no que contempla ao curso técnico de Construção Naval e Automação Industrial? Como elas se percebiam enquanto mulheres, pardas, negras, oriundas de escolas públicas e que se inseriram em uma instituição de ensino técnico de nível médio?

A partir desses questionamentos, realizamos, inicialmente, o levantamento de dados sociodemográficos das jovens estudantes concludentes e selecionamos algumas para a análise dos discursos delas. As estudantes concludentes foram escolhidas por terem esse público completado toda uma trajetória acadêmica desde o ingresso, aguardando apenas a finalização do estágio obrigatório. Tendo como objetivo as relações de gênero empreendidas nas trajetórias acadêmicas das jovens concludentes do curso técnico de automação industrial, analisando a

recepção e as relações entre essas estudantes, seus professores e demais colegas de turma, identificar caso existam dificuldades para se inserirem em determinados espaços dentro da instituição e para obter o estágio em empresas.

METODOLOGIA

A pesquisa qualitativa é capaz de traduzir e dar significado a eventos cotidianos que ocorrem entre conceito e elementos, ambiente e atividade (MAANEN, 1979, p.520). Os pesquisadores que realizam pesquisas qualitativas são chamados de interpretacionistas uma vez que afirmam que o estudo do comportamento humano se difere do estudo de um objeto ao qual se apoia em dados matemáticos. A pesquisa aqui referenciada tem sido bastante utilizada no campo da Educação, pois são desenvolvidas com fins educacionais e comumente também usadas por sociólogos (LÜDKE E ANDRÉ, 1986).

No espaço de investigação do IFPE- Campus Ipojuca a perspectiva de analisar os discursos, tentando extrair a prática discursiva e prática social existente na vivência das discentes em suas relações de gênero, tendo em vista na pesquisa-ação. Pautando um percurso investigativo abordando de forma crítica os discursos baseando na análise da realidade, examinando a linguagem que traz a reprodução das relações sociais e das ideologias. A escolha por um percurso investigativo pautado numa abordagem crítica do discurso derivou-se do servir como instrumento de análise da realidade, propondo examinar o papel da linguagem na reprodução das relações sociais e das ideologias. Conforme nos apresenta Ferreira (2016) ao se apoiar na Teoria Social do Discurso (TSD), é possível ao pesquisador visualizar o processo social de interação verbal como sendo a real substância da língua e parte basilar da atividade linguística.

Partindo dessas definições, realizamos o levantamento bibliográfico das pesquisas sobre a temática de gênero, raça, etnia e educação, ocorrida nos últimos 5 anos, em bancos de dados do portal Capes, *Scielo*, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), e realizamos os fichamentos das referências levantadas a partir da elaboração de uma argumentação conceitual, a qual organizou metodologicamente os dados obtidos. Os instrumentos de análise para o registro de informações foram as entrevistas semiestruturadas. A entrevista semiestruturada é aceita como um encontro conversacional em que as questões se

tornam um tópico de análise tanto quanto as respostas dos entrevistados. As entrevistas tiveram seus roteiros elaborados a partir das inquietações sugeridas pelos objetivos propostos.

Salientamos que o diferencial principal deste método é que a ação a ser feita é de forma estratégica, visto que elas são produzidas com base nas informações e dados coletados. Alinhamo-nos, portanto, a este tipo de pesquisa com a compreensão das práticas discursivas. Foram 8 discentes entrevistadas, sendo 4 estudantes de Automação Industrial e 3 estudantes de Construção Naval, dividimos os discursos em eixos temáticos que eram descritos por:

Quadro 01: Eixos Temáticos da categorização dos discursos

Relação com os Docentes	Foram observadas de forma geral boas interações entre os docentes e as alunas, porém houveram casos em que algumas delas sentiram se excluídas ou tratadas de forma preconceituosa apenas pelo seu gênero.
Relação com os Colegas de Classe	Semelhantemente a relação com os docentes, foi observado durante as análises um bom relacionamento e boa comunicação de forma geral, porém houveram situações pontuais de preconceito que deixaram algumas das entrevistadas desconfortáveis.
Dificuldades na Procura de Estágio	Apenas uma das entrevistadas conseguiu estagiar, e a mesma relatou não ter passado por situações discriminatórias. As outras entrevistadas participaram de seleções e uma delas afirmou ter passado por situações constrangedoras na entrevista ao ser questionada se conseguiria trabalhar em um local com muitos homens.
Escolha pelo Curso	A maior parte das jovens citaram que o que as motivou na escolha do curso foi já ter afinidade com a área, para algumas essa

	afinidade surgiu por outros cursos técnicos na área e em outras por curiosidade.
Situação de exclusão	As estudantes presenciaram e algumas delas vivenciaram situações de exclusão que estavam diretamente ligadas ao gênero.
Faria o curso novamente ?	Por causa das dificuldades na procura de estágio e das muitas distinções sofridas em entrevistas, infelizmente muitas delas disseram que não fariam o curso novamente.

Fonte: Própria, 2021.

Para começar uma investigação temos que identificar o problema e dar início ao planejamento. Em seguida, agir com cautela em busca de melhoramentos no planejamento, para em suas etapas finais analisar os ocorridos coletados e transpô-los para fins de resultados alcançados. A análise realizada permeou-se a partir do campo da análise crítica do discurso, ou seja, a análise das práticas discursivas e de produção de sentidos, a qual não se limita apenas ao caráter descritivo e explicativo ou da participação do investigador na construção das informações.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Percebe-se que o conceito de gênero vai muito além de somente uma percepção sobre a relação entre homens e mulheres, envolve a evolução do entendimento sobre a mulher no cenário moderno, por isso que para estudar essa evolução é preciso estudar a fundo as relações entre os dois sexos. Essa categorização relacionada a sexo/gênero, idade/geração e de raça/etnia são determinantes e frequentemente destacadas para justificar o poder e a dominação, já que a essência da ideologia é a naturalização do social. Para Motta (1999) trazer uma boa discussão sobre o conceito de classe social, com demais categorias relacionais de gênero, etnia é evidenciar a existência de desigualdades sociais que cerceiam o nosso cotidiano.

“ E quem são “eles”? São aqueles nascidos há 14 ou 24 anos – seria uma resposta. No entanto, esses limites de idade também não são fixos. Para os que não têm direito à infância, a juventude começa mais cedo. E, no outro extremo –

com o aumento de expectativas de vida e as mudanças no mercado de trabalho, uma parte deles acaba por alargar o chamado “tempo da juventude” até à casa dos 30 anos. Com efeito, qualquer que seja a faixa etária estabelecida, jovens com idades iguais vivem juventudes desiguais. (NOVAES, 2006, p. 105).”

Delimitar uma faixa etária para classificar a juventude apresenta-se enquanto uma tarefa difícil, sendo mutável e flexível dependendo de qual juventude está sendo abordada. Novaes (2006) aborda que “Entre os jovens brasileiros de hoje, a desigualdade mais evidente remete à classe social”. Esse recorte se explicita claramente na vivência da relação escola/trabalho. Gênero e raça são outros dois recortes que interferem no problema. As moças pobres podem até se beneficiar do crescimento do emprego doméstico, mas ganham menos que os rapazes quando ocupam os mesmos postos de trabalho. Por outro lado, a “boa aparência” exigida para os empregos excluí os jovens e as jovens mais pobres, e este “requisito” atinge particularmente jovens negros e negras”.

Suas experiências fortemente podem influenciar de forma positivas e negativas, a partir disso questionamos essas jovens sobre suas relações com os estudantes e com os docentes. Algumas das entrevistadas mencionaram que eram alvo de piadas de cunho ofensivo e preconceituoso por parte de alguns docentes e que, inicialmente, sentiam-se reprimidas, entretanto começaram a reagir. *“No início ficávamos constrangidas e não reagimos, depois ganhamos força e não aceitávamos esses comentários e brincadeiras, até porque, elas diminuíram, pois no último período a sala era maioria mulheres”*. (Jovem 1, 22 anos)

Levando em consideração a desigualdade existente por estarem em um curso de predominância masculina, situações como estas podem causar o desligamento de muitas jovens e isso torna preocupante quando vemos principalmente falas como a Jovem 3 cita:

“...o professor falou... que não era normal as meninas terem tirado notas altas porque era uma cadeira de mecânica ...aí ele falou que se fosse um curso de nutrição...culinária...até entenderia... agora um curso de automação...Acho que isso daí foi o que revoltou mais a turma toda...” (Jovem 03, 22 anos).

Ambos discursos carregam interdiscursividades, demonstrando distinções por questões de gênero, reforçando os estereótipos impostos pelo patriarcado, desvalorizando o esforço feito por essas estudantes.

Perceba no trecho acima a distinção dentro do ritual de uma sala de aula. Dentro do processo de socialização, da infância a percorrer toda a adolescência, é formado a identidade

de gênero e, junto a isso, o ensinamento do lugar ao qual o corpo, a pessoa física, deve ocupar no mundo. Assim, desde muito cedo, os sujeitos têm seus lugares demarcados socialmente e “aceitos” para homens e mulheres. Muitos docentes reproduzem essas distinções, como foi possível constatar na análise do material coletado. Considerando as dificuldades apontadas para os grupos raciais e de gênero, esta pesquisa se dedicou a analisar a situação das jovens estudantes ao passo que compreendeu a interseccionalidade entre gênero, classe e raça as tocam subjetivamente. Esta ideia, segundo Crenshaw (2002), sugere que:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras (Crenshaw, 2002, p. 177).

Apesar disso, uma das jovens comentou que as mulheres da sua sala passaram por algumas dificuldades em relação a um aluno, tentando sempre diminuir o mérito e capacidade nas conquistas feitas pelas mulheres da sua sala.

“...Vocês só tiram nota boa porque não fazem nada...ficam em casa o dia todo ...Ele estava falando que a gente tirava nota boa porque...[Não fazia nada] não fazia nada em casa...não fazia nada ... não trabalha e tal e ele trabalhava e era mais difícil” (Jovem 3, 22 anos). “Agora só uma coisa ou outra quando tinha aula prática alguma coisa soltavam piadinhas né: dar as meninas não para não sujar as mãos, aquelas coisinhas. Eu não ligava eu tipo, vou sim fazer a aula! O professor dizia você não vai fazer a aula. Vou sim::: E a gente fazia normalmente” (Jovem 5, 22 anos).

Fora do ambiente escolar as desigualdades e os preconceitos se mostram de forma ainda mais explícita. Por questões de gênero, as mulheres são motivo de rejeição na seleção de estágio, por exemplo. Algumas das jovens relataram que na seleção de estágio receberam perguntas que somente se relacionavam ao seu gênero e nada mais.

“Passei na primeira... na segunda... e na terceira e última só tinham três pessoas... e quando foi minha vez a primeira pergunta que ele fez foi sobre se eu tinha algum problema em trabalhar com homens...porque a maior parte do quadro de funcionários eram homens e na área que eu iria trabalhar só haviam homens... eu disse que não havia problema...mas ele insistiu novamente...fez a mesma pergunta... e eu respondi novamente que não havia problema nenhum...que se todos se respeitassem daria certo...”(Jovem 3, 22 anos)

A posição inicial de ingresso no mercado de trabalho é influenciada pelas características educacionais e gera um forte efeito sobre a trajetória subsequente dos indivíduos. Mas há um fator fundamental neste processo, que são os efeitos discriminatórios produzidos pelo mercado de trabalho. As desigualdades de acesso a determinados ramos de atividade, assim como o ingresso em ocupações menos formais, estão fortemente mediadas por fatores que se relacionam com a discriminação de gênero e raça. Novaes (2006, p.105) aborda que “No acesso ao mercado de trabalho, o “endereço” torna-se mais um critério de seleção”.

Questionadas sempre ao longo da sua trajetória sobre suas atitudes, pelos seus méritos e sobre questões de convivência com homens, muitas relataram que apesar de irem longe nas entrevistas, no final sempre um homem era escolhido para ocupar cargos em relação ao seu curso de Automação Industrial, a luta se torna constante pela quebra desses paradigmas ditados pela sociedade onde mulheres sempre são questionadas mas dificilmente vemos homens sendo punidos por suas atitudes errôneas neste âmbito do trabalho.

“Na primeira foi individual e na segunda era só com meninas [...] Bom até hoje não consegui estágio e eu acredito que sim, quando a gente terminou só tinha duas meninas mas no final todos os meninos que terminaram conseguiram estágio, às vezes ficava pensando se era o fato de eu ser mulher porque sempre me disseram que nessa área mulher sofre muito” (Jovem 1, 22 anos).

“No início foi normal porque::: é:: tinha outras mulheres também então pegou uma prova seletiva e nessa prova entrou homens e mulheres misturados então é:: eu particularmente não senti nenhuma dificuldade embora quando já tava:: como encarregada vinham funcionários de outros lugares Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul Bahia e:: eles não eram acostumado a terem mulher na liderança. Quando chegaram aqui me viram na liderança então alguns ficaram com o pé atrás mas como eu já tinha experiência na área aprendi tudo na área lá eu pude mostrar pra eles na prática que o que eu tava ordenando pra ele fazer eu sabia que eu tava falando porque eu já tinha feito e eu era capacitada pra aquilo (...)” (Jovem 03, 33 anos).

Acima, podemos observar a fala de uma das entrevistadas a qual, dentre poucas, teve a oportunidade de demonstrar que a sua capacidade cognitiva em desempenhar as funções de uma empresa no ramo da construção naval nada tem a ver com o fato dela ser mulher, mas, ainda assim, ela pode observar o olhar predominantemente machista que norteia a nossa sociedade. A partir dessas análises foi possível traçar algumas reflexões que emergiram desta pesquisa e que precisam ser consideradas.

Precisamos questionar as políticas que estão sendo usadas nessas empresas, estimular maior discussões em relação a gênero no instituto, com professores, colegas de turma, até que não existam mais discursos estereotipados e excludentes que fazem com que essas mulheres desistam muitas vezes de finalizar cursos na área de exatas, a todo momento vemos mulheres mostram-se capazes de assumir qualquer papel que quiser e demonstram a falta de fundamento desses comentários machistas e sexistas a ainda habilitar nossas instituições e também no mercado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que o primeiro passo para a mudança de conceitos estruturalmente construídos é defender uma educação questionadora e tratá-los como categorias socialmente constituídas no decorrer dos discursos aqui produzidos. Diante da abordagem da teoria crítica do discurso, a qual operamos no decorrer dessa pesquisa, defendemos que é através da linguagem que se reproduz o poder social de operar alguns discursos e interpelar os sujeitos, em detrimento de outros discursos.

A referida pesquisa tem dado visibilidade aos estudos de gênero na instituição escolar, além de inserir os bolsistas e voluntários na apropriação de conhecimento referente a pesquisa científica. Através das entrevistas e experiências dessas meninas identificamos que apesar da enorme luta que tenha sido a trajetória no curso de Automação Industrial e Construção Naval, elas demonstraram realmente o desejo de continuar na área e ainda procuram espaço nesse mercado de trabalho extremamente concorrido e com cenários de distinções de gênero, preconceitos, entre outros desconfortos.

Uma educação não sexista entende que o sexo não dita como será o desempenho de um indivíduo, seja esse em uma esfera física, criativa ou educacional, uma vez que comprovada que sua desenvoltura compete ao cognitivo e não ao biológico ou a definição de um gênero. Por isso que se faz necessário o desenvolvimento de práticas educativas no combate aos discursos que favorecem à discriminação sutilmente velada dentro de uma formação de sujeitos acríticos, passivos e disciplinados pelas ideologias hegemônicas, as quais os transformam em “minorias” desassistidas e silenciadas.

Diante disso, a presente pesquisa carrega sua importância em revelar a necessidade de fortalecermos ações de núcleos de inclusão dessas mulheres nos cursos que assim desejarem, a exemplo das ações realizadas pelo Núcleo de Estudos em Gênero e Diversidade. Esse núcleo é produtor de discursos que apoiam jovens estudantes durante o curso técnico em Construção Naval. Apoiam a viverem suas trajetórias sem serem vítimas de discriminações e tentam, cotidianamente, fortalecer esses discursos com seu corpo docente e técnico administrativo.

O referido núcleo alia-se aos movimentos sociais, os quais são agentes das transformações e trazem consigo novos caminhos e visões dentro da cultura, política, economia e educação. Estão presentes nas ruas, organizações e nas redes de manifestações sociais. Fortalecer, portanto, a discussão com a comunidade acadêmica e possibilitar ações educativas nessa direção foi o foco principal nestes anos de pesquisa, resultado este que revelou a pertinência de pesquisas dessa natureza no IFPE, a partir das reflexões trazidas e da realidade analisada, realidade esta que muito ainda tem a avançar.

Esperamos com a conclusão desse artigo, que os relatos das estudantes concluintes do curso de Automação Industrial e Construção Naval, possa trazer visibilidade para as discussões de gênero dentro dos cursos compostos por maioria masculinas e que contribua para reflexão de professores e instituições escolares no geral, que haja abertura através desse texto para as mudanças de atitudes e um fortalecimento na demonstração de apoio para que jovens como estas possam contar também seus descontentamentos com atitudes desconfortáveis ao longo do seu curso.

REFERÊNCIAS

ALMADA, S. Estética: a revolução política dos negros. Revista Raça Brasil, edição 141, Fevereiro de 2010.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Estudos Feministas, 10 (1): 171-188, 2002.

FREITAS, M. E. Assédio moral e assédio sexual: faces do poder perverso nas organizações. Revista de Administração de Empresas, v. 41, n. 2, p. 8-19, 2001.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MAANEN, J. V. Reclaiming qualitative methods for organizational research: a preface, In Administrative Science Quarterly, vol. 24, no. 4, December 1979 a, pp 520-526.

MOTTA, A. B. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. Cadernos Pagu, Santa Catarina, n. 13, p. 191-221-140.1999.

MINELLA, L.S. Temáticas prioritárias no campo de gênero e ciências no Brasil. Cadernos Pagu, Santa Catarina, n.40, p. 95-140, jan/jun. 2013.

NOVAES, R. Os jovens de hoje: contexto, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, M. I. M; EUGENIO, F. (orgs.). Culturas jovens: novos mapas de afeto. RJ: Jorge Zahar Ed. 2006

Redação Carta Capital, CEERT (Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades) Acesso: 03 de Set de 2021. Disponível: <<https://ceert.org.br/noticias/educacao/21396/ibge- apenas-10-das-mulheres-negras-completam-o-ensino-superior>>

ZAPPA, R; SOTO, E. (1968). Eles só queriam mudar o mundo. 3a Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.